

A PEDAGOGIA EM QUESTÃO

Adriana Marques PADERES¹

MARAFON, Maria Rosa Cavalheiro; MACHADO, Vera Lúcia de Carvalho. **Contribuição do pedagogo e da pedagogia para a educação escolar: pesquisa e crítica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

A presente obra é composta de temas e idéias abordadas em uma pesquisa realizada pelas autoras, com a participação de estudantes da graduação em Pedagogia. Tem como eixo temático a análise do papel do pedagogo e, conseqüentemente, as dificuldades enfrentadas por tal profissional no fazer pedagógico. Nesse contexto, os fundamentos teóricos apresentam-se atrelados à inserção do discente na realidade da escola pública, constituindo – a pesquisa - um movimento dialético entre teoria e prática.

O livro está dividido em cinco capítulos que se relacionam, haja vista que todos eles têm como linha de pensamento a questão da Pedagogia – suas concepções, a formação acadêmica, a pesquisa educacional, o cotidiano do pedagogo e sua atuação nas escolas públicas. Na verdade, explicitam as categorias elencadas pelos pesquisadores envolvidos no projeto:

1. formação de profissionais (pedagogo)
2. atuação desses profissionais
3. necessidades e expectativas
4. concepção de Pedagogia e Educação

Com o objetivo de aproximar a graduação do campo de pesquisa como algo relevante no processo de formação do profissional, os autores colaboradores são alunos do curso de Pedagogia e, em colaboração com as autoras, realizaram uma pesquisa pautada em revisão bibliográfica e também dado empírico. A escolha do tema foi motivada pela sensação de desconforto dos pesquisadores no que diz respeito ao fato de “na escola pública, ser precária a presença de pedagogos ou, estes serem substituídos por professores ou profissionais de outras áreas sem a devida formação para o exercício das funções não docentes” (p.10).

Na primeira parte da obra, “Pesquisa educacional no curso de Pedagogia”, as autoras discorrem acerca da própria pesquisa, ressaltando a perspectiva dialética como a escolhida, em função de trabalhar “a relação do todo com a parte num movimento que visa captar a essência do fenômeno” (p.16). Destacam a importância da pesquisa no âmbito da graduação e contam com a participação de onze estudantes, que investigam a contribuição do pedagogo e da Pedagogia para a educação na escola pública de ensino fundamental. O início do trabalho dá-se em 2001 e tem a duração de dois anos. Foram aplicados questionários com questões fechadas – de tratamento estatístico – e apenas uma aberta – com análise qualitativa. Além disso analisou-se 34 entrevistas. Princípios e técnicas da pesquisa participante foram utilizados, privilegiando seus três elementos: investigação, participação e política.

¹ Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professora, Faculdades Integradas de Valinhos. E-mail: <dri_paderes@yahoo.com.br>.

... a pesquisa participante assume formas diferentes. A pesquisa e a participação apresentam-se como os elementos centrais desta modalidade. Contudo, há outro elemento que é também constitutivo e que, às vezes, explicita-se, outras vezes não: a política. Elemento que não pode faltar em qualquer de seus sentidos: desde o mais amplo até o mais estrito (Espeleta, 1986, p.77).

A questão política é destacada em todos os capítulos, no entanto, no segundo, isso se dá de forma mais abrangente.

Nesse capítulo, “A formação acadêmica do profissional de Pedagogia”, as autoras traçam um perfil da Pedagogia dentro dos parâmetros da legislação, desde o surgimento de tal curso no Brasil, que pretendia primeiramente nomear funcionários para o ministério da educação, até a atual legislação, em que se fala do pedagogo como responsável por atividades não docentes na educação e a docência sendo competência do curso Normal Superior, amparado pela Lei 9394/96. Relatam também as diversas modificações e ameaças de extinção pelas quais o curso passou desde 1939, data de seu surgimento. Acrescenta-se a isso a diversidade na proposta de formação do pedagogo até chegarmos ao que temos hoje.

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantindo, nessa formação, a base comum nacional (LDB, lei 9394/96).

Um aspecto preocupante nessa formação é a Complementação Pedagógica que, desde a década de 70, passou a atender um número bastante significativo de docentes graduados, especialmente da área de humanas, para prepararem-se - em um pequeno período de tempo - para atuação como gestores no âmbito escolar: administração, supervisão, inspeção escolar e orientação educacional. Os próprios entrevistados compõem-se, em sua maioria, como pedagogos a partir desse tipo de qualificação. Constatou-se, portanto, que essa formação, até em detrimento do tempo, não garante a qualidade que se tem ou deveria ter no curso regular de Pedagogia. Trata-se, na verdade, de uma realidade política e social que acaba sendo manipulada pelos interesses do mercado, uma vez que se pretende apenas adquirir títulos. Isso destoa de um trabalho de formação crítica, “possibilitando atuação profissional comprometida com a explicitação e a superação das contradições sociais” (p.24) conforme destacam as autoras.

Terminada a apresentação inicial da pesquisa e a conceituação da Pedagogia, as autoras ocupam-se, no terceiro capítulo, de apresentar e especificar “O cotidiano do pedagogo nas escolas públicas estaduais de ensino fundamental”. Ao fazê-lo, muitas dificuldades são relatadas. Dentre elas, a de maior destaque está relacionada ao tempo excessivo que é despendido com funções burocráticas atribuídas, pelo sistema, aos gestores e que, automaticamente, bloqueiam as atuações destes nos fins educativos, nas ações pedagógicas. Os pais e o pouco relacionamento que mantêm com a escola também impedem, ou dificultam, os trabalhos pedagógicos, projetos etc. Momentos preciosos de atuação são trocados por reflexões acerca do que fazer para trazer os filhos à vida escolar. Ao discorrer sobre a coordenação pedagógica e seu campo de atuação, as autoras evidenciam um certo descontentamento, pois os dados apontam para ações que se resumem “num processo de ajuda (aos professores) tanto para os procedimentos didático-pedagógicos quanto na compreensão e concretização das diretrizes oficiais sobre a educação” (p.37), mas não tratam de construção coletiva de trabalho. Não há tempo para a reflexão da prática pedagógica. Parecem mais assessorias / consultorias a docentes. É

importante ressaltar que as pesquisadoras apontam as ações voluntárias – a princípio concebidas enquanto suporte pedagógico – como responsáveis pela desprofissionalização dos educadores, pois os executores desses projetos nem sempre têm o devido preparo, o que torna a situação ainda mais problemática para o pedagogo.

Considerando os dados do cotidiano, os pesquisadores argüiram, junto aos entrevistados, sobre as concepções que tinham sobre educação e pedagogia. Comentar tais registros é o que pretendem as autoras no capítulo quatro, intitulado “Os profissionais e suas concepções de educação e de pedagogia”. Como estratégia, utilizam as definições dos entrevistados e, paralelamente a elas, enfocam a perspectiva dos pesquisadores. As concepções de educação apresentadas remetem a colocações bastante autoritárias, haja vista que o aluno é considerado como passivo. A educação é concebida como: formação para o social (direitos e deveres); transmissão e assimilação de conhecimentos; processo de ensino e aprendizagem; processo de transmissão de valores; formação para o trabalho; formação do ser crítico; processo de articulação escola e família. Pode-se perceber que a educação, para os entrevistados, é um processo restrito à escola e, além disso, amplo e complexo, mas não conseguem compreender a dialética da relação entre educação e sociedade. Trata-se de um discurso bastante superficial sobre esse conceito.

Não é diferente o que acontece na concepção de Pedagogia. Os profissionais apontam-na como didática, como teoria e nome de um curso. Na verdade, não a vêem “como ciência que se constrói tendo como objeto de investigação o fazer educativo em suas mais variadas manifestações” (p.52). Identificam-na apenas como prática educativa, como obtenção de um título. Nesse ínterim, as autoras retomam a política neoliberal, que coloca a educação como fonte de capital e, portanto, responsável por preparar pessoas para o mercado de trabalho, ou seja, a formação para atender os interesses e padrões do mercado. Em detrimento disso, o que se observa são conceituações incompletas e, às vezes, deturpadas dos próprios pedagogos.

A partir do que foi discutido nos capítulos aqui apontados, as autoras arrematam as análises dos dados apontando suas utopias, vislumbrando “uma realidade e uma concepção mais comprometidas e mais críticas tanto do curso de Pedagogia como do pedagogo” (p.69). Para tal, retomam a idéia de que, como o papel do pedagogo foi descaracterizado ao longo dos anos, isso permitiu a sua substituição por outros profissionais. Almejam, portanto, a retomada dos pedagogos nas escolas, na tentativa de superação do modelo de gestão empresarial que as engendra – educação como produto, aluno como cliente. Acreditam na contribuição desse profissional com a transformação da escola numa perspectiva progressista. Para isso, é necessário que ele esteja capacitado e comprometido com a transformação da sociedade, com a solução de problemas, contando com o apoio do corpo docente, da comunidade, dos pais e, principalmente, tendo como referencial o projeto-pedagógico e a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Nas palavras das autoras, descobrimos as reais articulações entre escola e sociedade, bem como educação e mercado de trabalho. Mas, contrário ao que pensamos – ser um caso sem solução -, nos são apontadas reflexões bastante consistentes na tentativa de transformar a educação, e isso dar-se-ia através do pedagogo e suas atribuições no âmbito educacional. Na verdade, utilizando-se de um texto muito bem articulado, mesclando teóricos que discorrem sobre o assunto e registros das entrevistas realizadas pelos pesquisadores, as autoras evidenciam uma realidade pedagógica bastante conturbada, desde a formação do pedagogo – seja ela por complementação ou licenciatura completa – até sua atuação nas escolas. As dificuldades apresentadas, de certa forma, não carregam uma imagem negativa ou desmotivadora para um leitor que vislumbra a Pedagogia como seu curso de graduação. Ao contrário, abre-lhe os olhos para que, ao ingressar nesse circuito, que o faça com consciência e almejando superação. A leitura instiga também

profissionais já atuantes na escola a refletirem sobre seu fazer pedagógico, de modo que se constitua num movimento dialético teoria e prática.

Recomendamos, portanto, a todos os leitores, docentes, estudantes ou interessados pela educação, essa obra que nos faz pensar em uma formação profissional consistente, atrelada à pesquisa, à inserção na realidade e à visão crítica do contexto social; que nos deixa uma inquietação absoluta e, por isso, nos motiva a buscar estratégias, a renovar o nosso fazer pedagógico.